



HOMILIA 18 DE JULHO DE 2024

P. Nuno

1. “Concebemos e sentimos as dores de parto, mas foi vento que demos à luz” (Is 26,18). O profeta Isaías faz o contraste entre a vida com Deus e a vida sem Ele: o profeta é bem o intérprete da desolação que assalta, com frequência, o povo de Deus.

Isaías vai ainda mais longe. Ele refere-se a todas aquelas situações em que, sem a intervenção de Deus, tudo parece resultar em sucessos e felicidade: “Não preciso de Deus para ser feliz!”, escutamos tantas vezes. É semelhante – diz Isaías – a uma mulher que concebeu e que, inclusivamente, sofreu as dores do parto... “Mas foi vento que demos à luz”!

Este é o drama do mundo contemporâneo, de tantas das suas conquistas e vitórias! É o drama de tantas comunidades cristãs e de tantos cristãos! Tudo parece funcionar sem Deus: obra das nossas mãos, construída apenas com o nosso suor, o nosso saber, a nossa vontade, e com o que parece ser a nossa liberdade, e sem Deus! As maravilhas da técnica; as conquistas da ciência – um novo modo de vida, sem as regras e os dogmas da religião, dizem-nos. Uma vida familiar feliz, e sem Deus. “Finalmente, livres” – sussurram-nos! “Mas foi vento que demos à luz”! Tudo, de repente, se desvanece. A Torre de Babel que insistimos em construir, esfuma-se como um castelo de cartas...

2. Quando Jesus convida: “Vinde a Mim, todos os que andais cansados e oprimidos, e Eu vos aliviarei” (Mt 11,28), não está à procura de mais uns membros para a sua “associação de bem-fazer”. A questão não é, absolutamente, sermos mais ou menos: a questão é darmos ou não frutos. Ou melhor: darmos frutos verdadeiros ou gerarmos vento!

Jesus assegura-nos duas coisas: a) que, com Ele – só com Ele! –, o nosso cansaço se transforma em alívio; b) que, com Ele, levamos um jugo que, longe de nos pesar, antes nos descansa! Porque esse jugo é o próprio Jesus. Sim: Ele, manso e humilde de coração, termina sempre por suportar as nossas dores, o peso do nosso pecado, transformando-as em vida.

Recordemos Simão de Cirene (Mc 15,21). Simão, um estrangeiro, regressava de um dia de trabalho e foi obrigado a aliviar o peso que aquele condenado à morte parecia já não suportar. Fê-lo, contrariado. Contudo, sabemos que essa foi a porta para a sua conversão, uma vez que os seus filhos, Alexandre e Rufo, eram conhecidos de toda a comunidade cristã. Afinal, foi Jesus quem levou a cruz de Simão e a transformou: o peso da vida do Cireneu (como sucedeu com tantos outros – conosco!) transformou-se em descanso, em fé, em vida cristã.

3. Ou recordemos também aquele dia em que Pedro e João se dirigiam ao Templo de Jerusalém e encontraram um paralisado: “Olha para nós. Não tenho prata nem ouro, mas dou-te o que tenho: em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, levanta-te e anda” (Act 3,4-6).

Poderiam ter oferecido uma moeda: ajudariam, certamente, aquele homem. E ter-se-iam dado a si mesmos – porventura, teriam dado tudo quanto possuíam para se alimentar naquele dia, como a oferta da pobre viúva (Mc 12,42). Uma enorme generosidade. Mas, na sua pobreza, Pedro e João ousaram ir mais longe: ousaram oferecer o que não tinham, mas que constitui o bem mais precioso: Jesus de Nazaré. E o peso daquele paralisado transformou-se radicalmente.

Ou, como dizia o P. Caffarel: “Dando-se a Cristo com esse dom a que chamei ‘conjugal’, o cristão renuncia a tudo, renuncia a amar por si mesmo quem quer que seja, mas justamente passará a amar



TORINO 2024

13° raduno
internazionale



todos os seres não por si mesmo mas por Cristo que, vivendo nele, o leva a amar" (Espiritualidade, 176).

Sim: Jesus faz a diferença na vida de todos. Só Ele pode, de verdade, fazer a diferença! É por isso que a nossa primeira missão – também como Equipas de Nossa Senhora – é oferecê-lo: jamais será vento que daremos à luz!

